

Privatização não será incluída na renegociação da dívida externa

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O governo brasileiro deixou claro, na sexta-feira, que o programa de privatização não será incluído na atual renegociação da dívida externa, "nem mesmo no passo seguinte, na renegociação da dívida de médio e longo prazo", disse a este jornal o chefe da equipe brasileira, embaixador Jório Dauster.

Dauster procurou colocar uma pá de cal nas especulações correntes pelo mercado secundário, que esteve agitado, na sexta-feira, registrando, de um lado a queda no principal título da dívida do País, Multi Year Deposit Facility Agreement (Mydfa), e, de outro, movimento significativo nos preços de vários outros títulos.

O Parallel Finance Agreement (PFA) vem sendo cotado entre 1 e 2 pontos acima dos Mydfa há algumas semanas, diante da especulação de que o comitê assessor de bancos estaria propondo ao Brasil um tratamento melhor para esse papel como uma das moedas da privatiza-

ção, dado que ele tem um estatuto diferenciado no acordo do País com os bancos em 1988. Como o mesmo vale para o "cofinancing", outro título do acordo de 1988 que virou letra morta no final do governo José Sarney, também esse papel agitou-se, na sexta-feira, e obteve, pela primeira vez, em tempos recentes 1 ponto acima dos Mydfa.

Sua cotação normal tem sido 1 ou 2 pontos abaixo do título principal. Dauster reitera que deixou claro ao comitê várias vezes que esse tema terá que ser examinado fora do contexto da negociação da dívida.

O New Money Trade continua sua escalada, e ontem estava cotado a 57 centavos por dólar na compra e até 63 centavos na venda. Igualmente impressionante foi o salto dos "exit bond" (bônus de saída), que ganharam 3 pontos desde a última segunda-feira, e estavam cotados no final da semana a 44,5 centavos na compra e 45 centavos na venda, seu maior preço até agora.

Por trás da alta nos "exit

bond" estaria, segundo outro rumor de mercado, a Petrobrás comprando discretamente, em nome de terceiros. Mas a companhia nega, e garante que a última vez que esteve no mercado foi na compra de Mydfa divulgada em outubro de 1990.

E por trás da queda de um ponto dos Mydfa desde segunda-feira estaria o aparecimento dos primeiros credores vendendo ao nível de 28 centavos por dólar.

Comenta-se entre operadores que estariam vendendo (pequenos lotes) nos últimos dias desde instituições de menor porte, como o Maryland National Bank, até bancos do porte do J. P. Morgan.

O Morgan não comenta suas operações de mercado, mas sabe-se que o banco, que liderou o mercado secundário em 1989, ampliou para quatro suas divisões no setor. Com a criação neste ano de uma área de atendimento a investidores dispostos a aplicar nos bônus dos países em desenvolvimento. A partir do Plano Brady, todos os novos papéis lançados na re-

negociação das dívidas são bônus do mercado de capitais.

O Morgan concentra suas atenções em investidores dispostos a aplicar em geral acima de US\$ 1 milhão, e apresenta aos interessados um relatório diário sobre as taxas de retorno dos diferentes bônus, sugerindo linhas de investimento para o aplicador. Uma fonte do banco disse a este jornal que no momento seus investidores são sobretudo pessoas físicas, e não fundos de pensão.

A renegociação continuou na sexta-feira sem progresso evidente. Diz o embaixador Dauster que o Brasil não aceitou a proposta dos bancos de pagar 25% dos US\$ 8 bilhões em juros atrasados, e mantém sua proposta de pagar 24%.

Um banqueiro com assento no comitê assessor ficou surpreso com a informação de que o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, viria nesta semana aos EUA para assinar o acordo com os bancos, ele soube apenas que Eris virá conversar com o Fundo Monetário Internacional, em Washington.